



A Psicologia e a Ontologia como pressupostos ao conhecimento e à evolução do humano

Cleoci Werle Rockenbach¹

Alécio Vidor²

Resumo: A psicologia é a ciência que se propõe fazer a análise do homem, da sua psique e dos seus comportamentos, mas até hoje tem se mostrado incapaz de dar solução ao problema homem. A ineficiência e incompletude da psicologia foram apontadas por Husserl, pelos psicólogos humanista-existenciais, e mais recentemente por Meneghetti, que, após anos de intensos estudos e verificação prática constata que a psicologia, sem o fundamento ontológico, não é capaz de compreender nem explicar o homem em sua totalidade. A ontologia é a lógica que o ser opera universalmente. Compreendendo este princípio se transpõe o mundo fenomênico, o mundo das aparências e se chega à essência que substancia todas as coisas e que consente conhecer com exatidão. O presente trabalho apresenta inicialmente o entendimento de Lao-Tse e Parmênides sobre o ser e aborda a metafísica de Aristóteles; a seguir apresenta uma concisa abordagem sobre May, Rogers e Maslow; discorre sobre a crise das ciências e a fenomenologia transcendental de Husserl e por fim apresenta a Ontopsicologia como método para chegar a Ontologia. Não se trata de um estudo aprofundado sobre nenhum dos temas ou autores, mas uma sensibilização ao entendimento da importância da ontologia para a psicologia e para a produção de conhecimento. O trabalho consiste em uma revisão de literatura de cunho exploratório.

Palavras-chave: Ciência. Conhecimento. Nexo Ontológico. Ontologia. Psicologia.

Psychology and Ontology as assumptions to knowledge and evolution of the human being

Abstract: Psychology is the science that aims to make the analysis of man, its psyche and behavior, but to date has proven incapable of solving the problem man. Inefficiency and incompleteness of psychology were identified by Husserl, the humanistic-existential psychologists, and more recently by Meneghetti, who, after years of intense study and practical verification notes that psychology without the ontological foundation, is not able to understand or explain the man in his entirety. Ontology is the logic the living being operates universally. Understanding this principle transposes the phenomenal world, the world of appearances and it gets to

¹ Psicóloga graduada pela Universidade Regional Integrada (URI), Assistente Social graduada pela Universidade Católica de Pelotas (UCPel), Especialista em Gestão do Conhecimento e o Paradigma Ontopsicológico pela Antonio Meneghetti Faculdade (AMF), Mestranda em Desenvolvimento e Políticas Públicas pela Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS). E-mail: cleociwr@gmail.com

² Doutor em Filosofia pela Pontifícia Universidade São Tomás de Aquino (Roma Itália); Mestre em Filosofia pela Pontifícia Universidade São Tomás de Aquino (Roma Itália); graduação em Filosofia e Pedagogia pela Universidade de Passo Fundo; graduação em Teologia (Escolasticado São José); professor da Antonio Meneghetti Faculdade (AMF).

the essence that substantiates all things and that allows to know exactly. This paper first presents the understanding of Lao-Tse and Parmenides about the living being and discusses Aristotle's metaphysics; after presents a concise approach to May, Rogers and Maslow; talks about the crisis of sciences and transcendental phenomenology of Husserl and finally presents the Ontopsychology as a method to reach Ontology. This is not an in-depth study on any of the topics or authors, but an awareness of the understanding of the importance of ontology for psychology and for the production of knowledge. The work consists of an exploratory nature of literature review.

Keywords: Science, Knowledge, Ontological Nexus, Ontology, Psychology.

1 INTRODUÇÃO

As ciências modernas baseiam-se no modelo científico e visão de mundo cartesiano, cuja influência levou a conceber o mundo de maneira mecanicista e reducionista, um mundo meramente material, constituído de uma profusão de objetos independentes, distintos e separados. A psicologia moderna adapta-se ao modelo científico positivista e com isso dedica-se a estudar o homem nos seus aspectos comportamentais e psicopatologias, abandonando a essência do seu objeto de estudo. A ineficiência da psicologia para dar solução ao problema humano foi apontada por muitos, e para compreender e explicar o homem na sua totalidade é necessário o fundamento ontológico. O pensamento filosófico tem papel fundamental na construção das ciências, pois busca as causas e os princípios que possibilitam conhecer o real.

Este estudo se propõe a fazer uma descrição bastante breve de filósofos e psicólogos que abordam o princípio do ser, e tem por finalidade fazer uma introdução para a compreensão do significado mais elevado da psicologia que entende o ser como o fundamento primeiro, cuja apreensão é imprescindível para fazer verdadeira ciência. Não se trata de um estudo aprofundado sobre nenhum dos temas, mas uma sensibilização ao entendimento da importância da ontologia para a psicologia e para a produção de conhecimento.

2 A ONTOLOGIA E O CONHECIMENTO

Pode-se dizer que o ser é a plataforma, a base sobre a qual fazer ciência, sobre a qual fazer psicologia. A ontologia refere-se à lógica do ser. Para compreender esta lógica, este princípio, acena-se para alguns filósofos que ao longo da história abordaram esta temática.

Dois são os filósofos antigos que trataram com maior intimidade o ser e permitem uma aproximação para a sua compreensão, Lao-Tse e Parmênides.

O livro Tao Te Ching, escrito por Lao-Tse por volta do século VI a.C. possui a essência filosófica-religiosa do Taoísmo. Para a filosofia oriental Tao significa o absoluto, a suprema realidade, a divindade, a inteligência cósmica, a fonte original da vida. No entendimento de Lao-Tse (2011, p. 32) “O ser infinito se revela nos existires finitos, é uma ausência invisível que realiza todas as presenças visíveis”. Esclarece o autor que, uma vez que sabe-se o belo pode-se conhecer o feio, quando se conhece o bem se é capaz de reconhecer o mal, assim como o Ser e o Não-ser.

Tao é a origem de todas as plenitudes, seguindo-se o Tao, pode-se conhecer a origem de tudo. O Tao possui três qualidades inseparáveis: invisível, inaudível e impalpável, que juntas formam a Unidade que flui constantemente e não pode ser designada com um nome apropriado. O ser é o princípio gerador da totalidade. Apresenta-se, para a nossa inteligência de existentes, como uma vacuidade, o nada que gera o todo. Para fazer compreender a atuação do invisível no visível Lao-Tse usa a metáfora do oleiro que da argila faz o vaso, demonstrando que o que dá utilidade ao vaso é o oco, o vazio, não a argila. Assim como o vácuo que existe entre as paredes, com suas portas e janelas, é o que dá utilidade à massa, à matéria de uma casa. Complementa o autor “assim são as coisas físicas, que parecem ser o principal, mas o seu valor está no metafísico (LAO-TSE, 2011, p. 47)”. O ser é imóvel e sem forma, é o vácuo, berço de todos os possíveis. É como o ar que enche um fole, embora vazio e invisível produz força e movimento.

Tudo que floresceu e frutificou retorna às suas raízes e ali encontra a calma, encontra o seu destino. Esta é uma lei eterna e quem conhece esta lei recebe a iluminação. Quem, no entanto, não obedece esta lei atrai a própria desgraça. Quem conhece esta lei é tolerante, sem preconceitos, compreensivo e por isso soberano, e assim será Uno com o Tao e estará a salvo de todo mal. Ou seja, sofre-se o mal quando se está fora do Tao e criam-se deveres, morais e regras externas para restabelecer uma ordem que é intrínseca.

Parmênides, como todos os filósofos do seu tempo buscava encontrar um princípio último, explicativo de toda a realidade. É o primeiro a compreender que este princípio não se encontra entre as coisas materiais, mas é um princípio metafísico, o ser, “a única categoria verdadeiramente capaz de abraçar todas as coisas e de exercer por isso a função de princípio primeiro de cada realidade” (MONDIN, 1998, p. 67, tradução nossa). Parmênides aborda dois aspectos principais: a possibilidade de conhecer e o princípio primeiro das coisas, o ser.

O ser é o objeto próprio da investigação metafísica. Nada está fora nem é maior do que o ser. Somente o ser é, fora do ser nada é. O ser é inato e imóvel; sendo sempre não nasce nem perece. O ser não pode nascer, porque seria o não-ser e o não-ser seria o nada, do nada nada pode surgir. Parmênides ensina que, para examinar esta questão, deve-se afastar do caminho da opinião que nasce das muitas experiências dos homens e debruçar-se apenas com o pensamento sobre a via que diz que é.

Analisando as virtudes do ser destacadas por Parmênides pode-se relatar que o ser é inato, imorredouro, íntegro, eterno, sem início e sem fim, perfeito, ‘não tem falta de nada’, completo, contínuo, imóvel, indivisível, sem partes, todo inteiro, penetra tudo, é todo pleno de ser. Conforme Parmênides “O ser não pode não ser completo, de fato não necessita de nada, porque se faltasse algo, faltaria tudo” (PARMÊNIDES apud MONDIN, 1998, p. 71, tradução nossa). O ser é descrito por Parmênides como uma esfera redonda, igual do centro a qualquer de suas partes.

Quanto ao problema do conhecimento, para Parmênides existem duas vias que consentem ao homem chegar ao conhecimento das coisas, a via da razão que leva à verdade e a via dos sentidos e da experiência que leva à opinião. O conhecimento obtido através dos sentidos e da experiência se fixa na aparência e pretende testemunhar o nascer, o perecer, o mudar das coisas, isto é o seu ser e o seu não ser; esta via conduz à opinião (doxa), a qual é acompanhada do erro. Conforme elucida Mondin “a razão, que se regula segundo as exigências da lógica, conduz à certeza, que se faz acompanhar pela verdade. Esta é imutável, reta, infalível” (MONDIN, 1998, p. 69). Com esta posição Parmênides explicita que o proceder dos sentidos, da opinião, do cálculo sobre as coisas aparentes é a via da opinião, que não vai além do mundo da matéria, dos fenômenos, por isso não dá garantia de certeza, nem de verdade.

O filósofo grego Aristóteles, preocupado com o problema do conhecimento, desenvolve um método que possibilita a demonstração através da racionalidade lógica e evidência. Estabelece os princípios primeiros do pensamento, as regras primeiras através das quais procede o nosso raciocínio, pois a dificuldade na investigação da verdade pode não estar no objeto, mas em nós mesmos, em nossa razão. Aristóteles (2012) percebe que o desejo pelo conhecimento é uma tendência natural do ser humano e são os sentidos, em especial a visão, que contribuem para o conhecimento das coisas. Os sentidos são a principal fonte de conhecimento, mas não indicam a razão das coisas, por exemplo, através dos sentidos percebe-se que o fogo é quente, mas não o porquê o fogo é quente. A percepção sensorial, comum a todos, é fácil e não pode ser designada sabedoria. Sábio é aquele que conhece todas

as coisas sem conhecer cada uma individualmente; é aquele que consegue compreender coisas difíceis. Sabedoria é o conhecimento de certas causas e princípios, e é através destes e a partir destes que outras coisas passam a ser conhecidas.

A busca pelo entendimento das causas e dos primeiros princípios não visa qualquer utilidade prática, é um estudo que tem por finalidade escapar da ignorância, é realizado por amor ao conhecimento e surge depois que todas as necessidades da vida já foram realizadas. Dos tipos reconhecidos de causas, a essência, ou natureza essencial da coisa, conserva-se sempre, não pode ser gerada nem destruída, é eterna. O conhecimento da essência assemelha-se à sabedoria, pois, conforme Aristóteles (2012, p. 86, grifos do autor) “conhece mais aquele que conhece *o que é* uma coisa, do que aquele que conhece seu tamanho, qualidade ou capacidade natural de atuar ou ser objeto de ação”. E se conhece melhor uma coisa por ser algo do que por não ser alguma coisa, explica o autor: “todas as coisas tem que ser ou afirmadas ou negadas, é impossível simultaneamente ser e não ser” (p. 87). É possível conhecer todas as coisas na medida em que contém alguma característica que é singular e idêntica em todas, algo universal.

Quando se busca os princípios e as causas supremas é do ser que se deve apreender os primeiros princípios e as causas supremas. E o mais certo de todos os princípios é a impossibilidade de simultaneamente ser e não ser, “é impossível pensar em qualquer coisa se não pensamos em *uma* coisa. [...] É impossível que ser *homem* deva ter o mesmo significado que *não ser homem*” (p.113, grifos do autor). O ser das coisas pode ser definido pela sua configuração, posição, ordem, lugar, tempo, atributos das coisas sensíveis, é, portanto, possui uma diversidade de sentidos. Por exemplo, a soleira de uma porta é uma soleira porque está posicionada de certo modo e *ser* uma soleira significa estar assim posicionada. Esclarece Aristóteles que se deve compreender os vários tipos de diferenças, pois estas diferenças são os princípios do ser das coisas.

A disciplina que aborda o ser é a ontologia. Segundo Meneghetti (2015) ontologia é o tratado que estuda e descreve o ser, o ente em todos os seus aspectos, é o conhecimento do ser em todos os seus atributos e modos de adaptação. É a abordagem daquele conhecimento elementar que dá o sentido: é ou não é, e é inútil falar do que não é. Ontologia refere-se a primeira causa que dá a garantia da certeza, da exatidão, é o fundamento que faz a existência. Os modos da racionalidade humana ou são fundados no ser, ou não tem sentido. Nas palavras de Meneghetti (2015, p. 34) “a mente humana deve começar a entender o que é, é necessário tentar isolar este ‘fantasma’ que substancia qualquer coisa”. A ontologia trata da base de

conhecimento simples, concreto, único, a partir do qual se desenvolvem todas as especificidades das ciências.

A argumentação de Meneghetti em torno do tema ontologia inicia com a elucidação sobre o núcleo fundante do ser humano, o elemento primordial presente em todas as ações humanas, no modo de existir, de ver, de tocar, de saber, de duvidar. Na racionalidade e experiência humana há um dado primordial “que não é constituído pelos sentidos, pela matéria, ou pelo sujeito, mas pelo ‘é’: ou é, ou não é” (MENEGHETTI, 2015, p. 33), antes de qualquer coisa se é.

Para fazer racionalidade ontológica Meneghetti esclarece que se deve partir do primeiro princípio: o ser é, o não ser não é; “o ser é, e quando é não pode não ser” (p. 21). Compreendendo este princípio se transpõe tudo o que é fenomênico, transcende-se as aparências, os acessórios, para chegar “a um ponto que substancia causalmente todos os outros pontos. Trata-se de superar tudo o que é a percepção sensorial, até mesmo a própria consciência, o próprio modo de conhecer, falar etc. [...] Fazer racionalidade ontológica significa encontrar aquele ponto que intenciona sem ser fenômeno”. (MENEGHETTI, 2015, p. 19-20).

O autor expressa que pelo estudo e compreensão da racionalidade ontológica se chega a uma coerência de lógica racional, evade-se do discurso obsessivo e da contradição que prevalecem sempre que se inicia uma análise ou pesquisa, e que demonstram a perda do ponto que substanciou e motivou aquela busca ou pesquisa. Para o autor “racionalidade ontológica significa possuir a técnica intelectual-racional conexa com a lógica que o ser opera tanto universalmente quanto em cada existente que aparece” (MENEGHETTI, 2015, p. 21).

3 A PSICOLOGIA HUMANISTA EXISTENCIAL

Quanto à necessidade de dar novamente um fundamento ontológico à psicologia moderna muitos autores chamam a atenção para o problema, como preâmbulo a este estudo analisa-se o posicionamento dos psicólogos da Terceira Força da psicologia, a Psicologia Existencial, pois estes compreenderam que a psicologia, como as demais ciências, desenvolveu conquistas técnicas relevantes, mas com isso reprimiu a consciência do ser, a consciência ontológica.

O psicólogo existencialista Rollo May constata que no mundo ocidental ocorre uma repressão do sentimento do ser, o sentimento ontológico, devido à excessiva valorização da técnica, ocasionando um processo de perda da autoconsciência. Para o autor “na falta de

alguns conceitos sobre o ‘ser’ e o ‘não ser’, o homem não é capaz de compreender nem mesmo a maioria de seus mecanismos psicológicos” (MAY, 1988, p. 18). Falta uma estrutura fundamental na qual se basear para dar realidade psicológica aos termos psicológicos sobre os quais se discute. May argumenta que as forças e dinâmicas psíquicas sistematizadas pela psicanálise só são relevantes em nível técnico descritivo, e admite que existem muitas lacunas na concepção que os psicólogos modernos fazem sobre o ser humano.

As dinâmicas psíquicas, mecanismos, padrões de comportamento, substâncias químicas que compõem o homem são aspectos interessantes, porém não são essenciais. May (1988, p. 54) elucida que “a procura das essências pode produzir leis universais significativas para a ciência”. A terapia existencial considera importantes os dinamismos e padrões comportamentais, mas estes só fazem sentido quando analisados no contexto total da pessoa no momento presente, “o caráter distinto da análise existencial é estar ela relacionada com a *ontologia*, a ciência do ser [...]” (MAY, 1988, p. 99). May expressa seu entendimento sobre o ser nestes termos: “a palavra *ser* é um particípio, uma forma verbal que implica em alguém estar passando por um processo de *ser alguma coisa*; *ser* é a potencialidade pela qual a semente se torna uma árvore ou cada um de nós se torna aquilo que realmente *é*” (MAY, 1988, p. 105, grifos do autor).

O psicólogo e psicoterapeuta humanista-existencial Carl Rogers (1982) reconheceu que ainda precisavam ser descobertas leis que permitissem a compreensão total da personalidade e do comportamento humano, pois aplicando na prática clínica as teorias e leis existentes o resultado esperado nem sempre sucedia. Em alguns casos o processo terapêutico produzia os efeitos desejados, em outros, aplicando-se as mesmas teorias e técnicas, o resultado não se verificava, permanecendo a cura ou resolução do sintoma ainda um mistério.

Quando Rogers descreve o fim último da psicoterapia centrada no cliente afirma que é “tornar o homem um organismo humano” (ROGERS, 1982, p. 105). No entendimento do autor, à experiência visceral e sensorial, comum a todo o reino animal, acrescenta-se a tomada de consciência, da qual apenas o ser humano é capaz. Tem-se assim um organismo consciente das próprias exigências e necessidades fisiológicas, consciente das exigências sociais e da cultura, consciente da necessidade de relações de amizade e de engrandecimento pessoal.

Rogers supera a visão pessimista do homem, que predominava na sua época, e que concebia o homem dotado de um inconsciente constituído por instintos destrutivos, irracionais, sociais, que precisam ser controlados e dominados, e reconhece que o íntimo da natureza humana é positivo, afirmando que no interior do homem existe um núcleo de positividade, de sociabilidade, dirigido para a evolução e desenvolvimento. No entanto, falta-

Ihe compreender a psique, o princípio vital, o princípio motor que constitui o homem. Mesmo quando descreve o processo terapêutico refere-se exclusivamente ao aspecto fenomênico, sem adentrar no númenon. Rogers refere-se ao íntimo da natureza humana vendo-o como um elemento corpóreo, não considera este íntimo como um princípio metafísico, somente essência. Embora o autor refira que a finalidade, o objetivo final da vida seja torna-se aquilo que se é, e faz menção passageira ao ser de Lao-Tse, não chega a compreender a radicalidade do ser.

Maslow (1962) por sua vez, concebe o homem dotado de uma essência, alicerçada biologicamente, a qual é intrínseca, dada e invariável. O homem, além de sua constituição biológica, possui uma natureza interna primordialmente boa. Esta natureza interna ou essência não é dissociada do biológico e é, em parte, singular em cada pessoa e, em parte, universal na espécie. O autor considera a possibilidade de estudar cientificamente essa natureza interna, para descobrir o que o homem realmente é em seu âmago e chama de “consciência intrínseca” a percepção que cada um tem das próprias capacidades, da própria “vocação na vida” (MASLOW, 1962, p.31). O indivíduo deve ser fiel a sua intrínseca natureza e não renunciar a seus talentos inatos, caso renuncie, em seu íntimo profundo, o indivíduo percebe o mal que fez a si mesmo e despreza-se por isso, imputando-se uma autopunição que resulta em neurose. É a negação ou desconhecimento do princípio que constitui o humano que produz o mal, a distorção, a neurose, a doença. O mal não é intrínseco à essência do homem, somos neuróticos na medida em que carecemos do nosso eu originário.

Maslow fez estudos sobre o que ele denominou *peak experience* ou experiências culminantes, momentos de felicidade e realização supremas, considerando-as como experiências, de indivíduos que atingiram um alto nível de maturação, saúde e realização pessoal, em que se vivencia a entrada em regiões mais elevadas da natureza humana, a entrada no puro Ser. A experiência culminante, segundo o autor, “é boa, desejável, intrinsecamente válida, perfeita, completa, provoca uma reação de reverência, encantamento, espanto, humildade, exaltação, devoção, [...] de rendição diante de algo verdadeiramente grande” (MASLOW, 1962, p. 110). Maslow (1962, p. 101) nomeou estes estudos de “Psicologia Positiva ou Ontopsicologia, pois se trata de seres humanos sadios e em pleno funcionamento e não apenas dos normalmente doentes”, chamou-a de Psicologia do Ser por se interessar mais pelos fins do que pelos meios.

Os psicólogos humanistas deram um novo direcionamento à psicologia, que passou a descrever o homem a partir de sua positividade, de suas potencialidades. Perceberam que o inconsciente humano não é a sede de monstros e perversões, mas no seu íntimo a natureza

humana é fundamentalmente positiva e boa. No entanto não alcançaram a concepção da totalidade do ser descrita por Lao-Tsé e Parmênides, pois lhes faltava a filosofia. Chegaram a intuir que o homem possui um núcleo fundante que ainda precisava ser compreendido e expressaram que a psicologia iria evoluir a fim de abranger este conhecimento e esta nova força da psicologia se chamaria Ontopsicologia.

4 HUSSERL E A FENOMENOLOGIA TRANSCENDENTAL

O filósofo Husserl, no início do século XX, denunciou a crise das ciências europeias, uma vez que estas perderam o seu fundamento de sentido. Devido ao longo alcance e êxito das ciências positivas esta crise significa a crise da humanidade como um todo. Para Husserl, a crise das ciências não significa questionar o seu rigor científico, as suas realizações ou resultados, mas remete ao *“enigma da subjetividade”* (HUSSERL, 2012). Remete ao que a ciência pode significar para a existência humana. Um conjunto de ciências que se reduzem aos fatos, pouco contribui para o desenvolvimento da humanidade genuína, esta é a sua crise. As ciências positivas abandonaram questões cruciais para o homem, como as questões acerca do sentido ou ausência de sentido da existência humana. Conforme esclarece Husserl (2012, p. 8) *“é uma crise que não atinge as ciências especializadas nos seus resultados teóricos e práticos, mas que abala, contudo, de um lado a outro, todo o seu sentido de verdade”*.

Husserl se refere ao mundo da vida como *“o fundamento de sentido esquecido da ciência da natureza”* (HUSSERL, 2012, p. 38), apontando que já em Galileu ocorreu a substituição do nosso mundo da vida cotidiano - o mundo experienciável, efetivamente perceptível - pelo mundo matematicamente alicerçado das idealidades. Esta substituição foi transmitida aos cientistas fisicalistas dos séculos subsequentes.

Galileu foi também o herdeiro da geometria, porém esta geometria não era mais a geometria original. A geometria antiga, explica Husserl (2012, p. 39), também já *“estava afastada das fontes originárias da intuição efetivamente imediata e do pensar originariamente intuitivo”*, era já um ofício, uma técnica esvaziada de sentido. A agrimensura prática não opera com idealidades, mas com este pensar intuitivo originário. Esta operação pré-geométrica foi o fundamento de sentido para a geometria das idealidades e para a invenção do mundo ideal da geometria. Husserl denomina de *“negligência funesta”* o fato de Galileu não ter se perguntado pela operação que originalmente deu sentido e configurou a geometria ideal. A operação que inicialmente atuou sobre o mundo empírico e imediatamente intuível do qual se originou a idealização. Parecia óbvio que a geometria, com o seu perceber particular,

imediatamente evidente, criaria uma verdade absoluta e aplicável. Esta obviedade, no entanto, era uma ilusão que não foi percebida por Galileu, começando, então, como afirma Husserl “a substituição da natureza pré-cientificamente intuível pela natureza idealizada” (HUSSERL, 2012, p. 39).

No entendimento de Husserl a roupagem dos símbolos, da ciência matemática da natureza, substitui o mundo da vida e faz com que se tome pelo verdadeiro ser aquilo que é um método em busca de um contínuo progresso das ciências. Esta roupagem faz com que o sentido próprio das teorias, ou do método, permaneça incompreensível. Deste ponto de vista, a ciência assemelha-se a uma máquina que produz resultados muito úteis e qualquer um pode aprender a manejá-la sem compreender o sentido próprio e a necessidade metafísica de tais realizações. Fazer ciência tornou-se uma tarefa mecânica, sem compreender nem o sentido originário, espiritual, nem o fim último, embora, no cientista, a faculdade de conhecer o verdadeiro ser em si, seja implicitamente inata.

Ciência é uma realização espiritual humana que ocorre no mundo da vida, o mundo pré-dado no qual está contida toda a práxis vital do homem, tanto a práxis científica quanto a pré-científica (a vida prática quotidiana). O mundo da vida e tudo que nele ocorre é o substrato para verdades em si, das quais é possível aproximar-se sempre com novas abordagens. É a experiência subjetiva, relativa ao sujeito, que fundamenta a validade teórica e funciona como fonte de evidência e fonte de confirmação, ao cientista fisicalista, quando está objetivamente interessado e em atividade científica.

O método de acesso ao tema de estudo da ciência consiste numa diversidade de epochés, consiste na suspensão de validades que estão em execução, suspensão de enunciados lógicos que estão em uso. O primeiro passo do método, a primeira epoché é em relação às ciências objetivas, suspensão de qualquer tomada de posição crítica interessada na verdade ou falsidade de um conhecimento. Com esta epoché supera-se também aquela obviedade, nunca formulada cientificamente e que nunca conduziu a uma universalidade científica essencial, obviedade produzida por uma operação idealizadora das ciências objetivas, assim chega-se ao a priori universal, o do puro mundo da vida, com isso as ciências lógico-objetivas alcançam uma fundamentação efetivamente radical.

Dando um passo adiante no método Husserl aponta que é necessário viver despertos no mundo pré-dado, o qual é solo de toda e qualquer práxis, científica ou não. Viver desperto para o autor “é ser desperto para o mundo, ser constante e atualmente consciente do mundo e de si mesmo como vivendo no mundo, vivenciando efetivamente, realizando efetivamente a certeza de ser do mundo” (HUSSERL, 2012, p. 116). Para se alcançar este estado é necessária

a decisão voluntária da pessoa. A segunda epoché, epoché universal, supõe colocar em suspensão também o mundo pré-dado, o mundo da vida, para entrar no universo do que é puramente subjetivo. A pura subjetividade passa a ser a concretizadora de validade. Através da epoché universal se vislumbra o horizonte universal da vida intencional, que é a produtora e detentora de sentido.

A terceira é a epoché transcendental ou redução transcendental da atitude natural, é a adoção de uma atitude acima da vida universal da consciência, acima da subjetividade individual. Como explica Husserl (2012, p. 123) com esta mudança de atitude consegue-se “libertar do vínculo interior mais forte e mais universal de todos e, por isso mais oculto, o vínculo da pré-doação do mundo” e descobre-se a correlação universal do próprio mundo e da consciência do mundo, pois o mundo pré-dado é um fenômeno, uma aparência do ser em si. Assim obtém-se a correlação plena do ente com a subjetividade, esta, como acentua Husserl (2012, p. 124), “como constituinte do sentido e da validade do ser”.

Para o autor a psicologia é a ciência que originalmente ocupa-se da subjetividade universal sendo, portanto, o caminho para a filosofia transcendental. No entanto, a psicologia considerou a mente num sentido igual a natureza corpórea, equiparando-se às ciências da natureza, mas deixando de abordar o que é essencialmente próprio a mente como tal. O trabalho da psicologia moderna não foi infrutífero, ela fez descobertas úteis sobre a mente humana, com objetividade científica. Contudo não alcançou a essência própria da mente, do ser psíquico, do ser em si, a essência da experiência interior que é acessível ao pesquisador-reflexivo através da percepção da própria interioridade ou auto percepção. Para o psicólogo chegar ao seu puro objeto de pesquisa, que é a pura mente, deve assumir no seu fazer profissional uma atitude permanente de pesquisador e ‘espectador desinteressado’ de si mesmo e de todos os outros, deve fazer uma epoché universal e radical. Deve abster-se de qualquer posição quanto às validades das pessoas colocadas em foco. Husserl (2012, p. 194, grifo do autor) afirma que “na originalidade primordial da sua própria vida e, a partir dela, ele tem os conviventes e as suas vidas, e, assim, cada vida se estende intencionalmente, com a sua intencionalidade própria, até a vida de cada um dos outros e todas, de maneira diversamente próximas e distantes, estão entrelaçadas numa vida comum”.

5 A ONTOPSICOLOGIA E O NEXO ONTOLÓGICO

O filósofo e cientista contemporâneo Meneghetti, ao longo de dez anos de intensa prática clínica, conduziu pesquisas sobre a atividade psíquica na sua causalidade primeira.

Nestas pesquisas realizou três descobertas a respeito da constituição do ser humano: Em Si Ôntico, Campo Semântico e Monitor de Deflexão³, e desenvolveu e testou o método ontopsicológico, o qual permite conhecer o homem em sua totalidade, incluída a compreensão do ser. É um método para autenticar e desenvolver o homem criativo, o homem autorrealizado, e dá, também, solução ao problema do conhecimento, pois reporta a lógica do Eu à lógica do Em Si ôntico, que é o nexo do Eu com o todo.

Com relação à possibilidade do conhecimento e à possibilidade de fazer ciência Meneghetti (2003a) menciona que não é possível investigar o real se antes não se conhece a si mesmo, e qualquer percurso científico é antes uma busca existencial. Toda problemática em relação ao conhecimento decorre da dissociação entre as lógicas racionais e o quântico existencial psicobiológico que cada um é. O núcleo que estrutura o orgânico psicobiológico do indivíduo, o núcleo da atividade psíquica, é o Em Si ôntico. Conscientizando o quanto se existe e conduzindo esta existência com progressiva funcionalidade, se chega ao íntimo do ser. Cabe à ontopsicologia fazer a reintegração da consciência sobre a informação organísmica, quando a razão coincide com o ser.

Meneghetti descreve o ser como o princípio que é apriorístico a qualquer existência, o primeiro movente, depois do qual o homem começa a existir. Para o autor “Ser é a palavra mais simples, mas mais terrível, pelo universo de sentido. Apenas se dá uma presença de realidade de qualquer tipo, de qualquer causa, em qualquer circunstância, não se pode proceder nem mesmo com o pensamento se não usamos o verbo ‘ser’” (MENEGHETTI, 2003, p. 62, tradução nossa). Nós existimos dentro do ser, mas a nossa racionalidade não é capaz de compreender este princípio.

O ser humano possui um núcleo, uma virtualidade que consente a participação no ser eterno. Cada indivíduo, antes de ser homem, antes de ser pensante, é um real capaz de refletir o ser que é. O homem provém da natureza, possui intrínseca a ordem, a lógica da natureza, porém, ao invés de se conduzir segundo esta ordem, se guia pelos estereótipos sociais, quando exerce o seu voluntarismo se baseia sobre as leis societárias, com isso perde o princípio do ser, aquele princípio que é o princípio de tudo.

Meneghetti esclarece que a realidade em si não pode ser colhida. Para o homem o único real é aquilo que a inteligência, o próprio íntimo contata, entendendo por contato a experiência sensorial, como o Eu, o pensante, experimenta o ser. Para obter a exatidão do conhecimento sobre o real é necessário autenticar-se, entrar naquele projeto íntimo que

³ Para aprofundamento sobre as três descobertas ver MENEGHETTI, A. Manual de Ontopsicologia. 4. ed. Recanto Maestro: Ontopsicologica Editrice, 2010.

constitui cada individuação, conscientizar como a vida está projetando, superando todas as fenomenologias.

O homem é uma unidade de ação⁴, encontra-se no interior de um universo semântico e mede o real pelas variáveis endógenas, pelas reverberações que ocorrem no íntimo de si mesmo, mede as variáveis por como partem do íntimo daquilo que quer analisar. Meneghetti (2003a, p. 45) explica do seguinte modo: “da variabilidade de si pode-se saber qualquer coisa que está em relação consigo. Podem-se medir as relações que nos dizem respeito observando atentamente a variável intrínseca onde se existe. Não há outra autoridade ou outra certeza fora desse proceder”.

A ordem que o real dá a cada momento denomina-se Em Si ôntico⁵. É este o critério para fundar qualquer ciência. Conforme indica Meneghetti (2003b) para fazer ciência é necessário um fundamento, um critério, um princípio que legitima o discurso. Existem dois gêneros de critérios para fundar qualquer ciência: o critério convencional e o critério de natureza. O critério convencional, ou opinião, é estabelecido pelo consenso de um grupo. Os cientistas estabelecem, convencionam um critério e a exatidão, ou objetividade da ciência é medida segundo a conformidade ao critério pré-estabelecido, não se busca o que é real, mas o que é conforme. Quanto ao critério de natureza Meneghetti (2003b, p. 119, tradução nossa) descreve que “o critério de natureza é uma medida que procede por evidência, responde a uma intenção de natureza e concretiza o objeto ou campo pré-escolhido. [...] Evidência significa a verdade daquele fato que nasce de mim que vejo, isto é, nasce do mesmo princípio através do qual se existe”.

O critério de natureza é o Em Si ôntico, é o fundamento, o princípio, o critério que legitima toda a Ontopsicologia. Observando a própria interioridade percebe-se que no íntimo do próprio organismo preexiste uma lei, uma ordem, uma intenção, uma predisposição colocada pela vida, que determina cada um de certo modo. É uma ordem apriórica, um fato que se dá antes de cada existente. Portanto, este critério não é um critério subjetivo, pois existe antes de qualquer subjetividade, mas para colhê-lo com objetividade deve-se ser permanente subjetividade.

Em relação às ciências, nota-se que nenhuma ciência parte de uma evidência para fundamentar os seus processos, todas partem de um pressuposto hipotético que é aceito pela sociedade. As ciências positivas são construídas sobre a percepção dos cinco sentidos. A

⁴ Para aprofundamento sobre o conceito de unidade de ação ver MENEGHETTI, A. O monitor de deflexão na psique humana. 5. ed. Recanto Maestro: Ontopsicologica Editrice, 2005.

⁵ Ver MENEGHETTI, A. Manual de Ontopsicologia. 4. ed. Recanto Maestro: Ontopsicologica Editrice, 2010.

partir do que os sentidos colhem é estabelecida uma linguagem, uma convenção. É possível conhecer adequadamente o objeto se todas as passagens, desde o estímulo externo até a tradução no cérebro e na consciência são exatas. Ocorrendo qualquer interferência nestas passagens o resultado é uma informação errada, distorcida do real.

Para afirmar a capacidade, a faculdade, a autoridade do conhecimento é importante verificar o instrumento, o critério no interior de si mesmo (MENEGHETTI, 2005). A causa primeira que pode garantir a certeza de ser, de existir, de conhecer, capaz de certificar o objeto como verdadeiro, é o intelecto. Meneghetti define assim o intelecto:

O intelecto é um ente e colhe por *intuição* (portanto não por representação): dentro ao dentro, íntimo ao íntimo, ser no ser, ser ao ser. A sua característica está na sua essência - ser - por isso conhece por intuição, porque o intelecto *intenciona* o que lhe é similar, igual. [...] No último ponto de conhecimento o sujeito afirma que o outro é. De cada coisa se diz que 'é'. Portanto a especificidade do intelecto é aquela de *conhecer por ação interna de si mesmo no interno do outro*, do ser ao ser. [...] É uma evidência interna, não tem necessidade de demonstração ad extra: o sujeito sabe o que é e é o que sabe (MENEGHETTI, 2005, p. 45- 47, grifos do autor, tradução nossa).

A consciência humana começa o processo do conhecimento através do contato físico-sensorial com o objeto enquanto ente histórico e conclui o processo por intuição intelectual. O ente histórico se diferencia nos vários objetos e o intelecto colhe a diferença. Após o contato, após o impacto o intelecto realiza uma abstração de todos os elementos acessórios, chegando ao último constituinte do objeto e formaliza a identidade histórica daquele ente, o individua, o distingue, o reconhece. Meneghetti (2005, p. 59, tradução nossa, grifo do autor) ressalta que esta é “uma passagem importante: o intelecto, depois de ter recebido, se exprime e é exatamente este o ponto em *que cria a palavra, a forma mentis*, a imagem, a cifra, o símbolo. [...] Esta é uma capacidade espiritual”. O homem não conhece o objeto como ele é em si mesmo, mas como é em relação ao homem cognoscente. Uma coisa é verdadeira quando é igual ao intelecto do homem, não quando é igual às suas opiniões, à sua fé, às suas ideologias. O que conhece é real porque o homem é real. Esta é a passagem, a possibilidade prevista pela norma da natureza, mas a exatidão do processo cognitivo não se verifica nos seres humanos. O que se verifica é que a sua consciência é alterada, separada do intelecto por causa da interferência do monitor de deflexão⁶. A consciência não contata o Eu originário devido a interferência deste mecanismo cerebral denominado monitor de deflexão. O mecanismo introduz um mínimo sinal que causa a distorção das percepções provenientes dos sentidos. Modifica a informação que chega à consciência, manipulando as operações lógico-mentais do

⁶ Sobre o argumento ver MENEGHETTI, A. Manual de Ontopsicologia. 4. ed. Recanto Maestro: Ontopsicologica Editrice, 2010.

sujeito. Meneghetti (2003b, p. 463, tradução nossa) explica que “este mecanismo não consente ao ser humano entrar no total do seu potencial natural, e impede a transcendência à essência original”.

Segundo Meneghetti (2003b), não só as ciências positivistas, mas inclusive a filosofia, são incapazes de alcançar o real em si, o mundo da vida. O homem procurou fazer ciência buscando a verdade no objeto, quis fazer a busca do ser através do objetivismo fisicalista, com a estrutura das coisas, e não com a dimensão da razão da qual o homem é dotado. Para colher o primeiro real, para saber as coisas junto com o mundo da vida deve-se antes superar todas as aparências, todas as fenomenologias, fazer contínua epoché. Com isso se chega à substância, à causa do seu ser, chega-se ao ponto de partida. Para conhecer qualquer coisa o cientista deve partir da exatidão de si mesmo.

O que possibilita colocar em relação o símbolo, a idealidade e a causa originária é o nexos ontológico. Meneghetti (2003b, p. 461), expressa que nexos “é aquela passagem onde o pensamento coincide com o mundo da vida”. Quando as elaborações lógicas da racionalidade de quem vê coincidem com o real do objeto, ideia e objeto são idênticos. Este nexos é o Em Si ôntico, é o eu originário, o ponto que faz a unidade entre fenômeno e originário da vida. É o agente que possibilita a reversibilidade entre real e símbolo.

Nesta mesma perspectiva Vidor (2013, p. 133) coloca que “o Em Si ôntico se faz de elo intersubjetivo porque está em nexos com os demais: quando alguém revela o eu verdadeiro de si entra em ressonância com o eu verdadeiro de outros disponíveis, todos se reconhecem um e, através dessa percepção, acontece a evidência do ser”. O ser humano acontece em um universo e está em interação com o todo, o Em Si ôntico é o fulcro que mantém tudo em contato, a raiz individual do mundo da vida, existe coincidência entre a interioridade individual e a interioridade ambiental.

O homem existe na natureza, no mundo da vida, existe dentro do ser. Colhendo plenamente o Em Si ôntico, que é o projeto de natureza, o princípio da vida, que constitui cada individuação, o homem tem a possibilidade de entrar na inteligência do ser, da lógica individual tem acesso à lógica do ser. Como refere Meneghetti (2003b, p. 61) “conscientizando o quanto se existe e organizando em funcionalidade progressiva, se entra com autoridade no íntimo do ser”. Aprendendo como se é no próprio íntimo entra-se na sabedoria do universo.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A tentativa de fazer da psicologia uma ciência segundo a lógica das ciências positivistas, cujo fim é a compreensão dos fenômenos, ou seja, o conhecimento objetivo dos acontecimentos e das relações funcionais entre estes acontecimentos, sem questionar as causas primeiras, fez com que a psicologia se afastasse da lógica subjetiva do pensamento filosófico. Se a metafísica é a ciência que estuda os primeiros princípios, à psicologia, a fim de compreender o seu objeto de estudo, a psique humana, é imprescindível remontar à metafísica ou à ontologia. Os psicólogos humanistas apontaram para a necessidade da quarta onda da psicologia, pois perceberam que as correntes existentes não davam resposta à totalidade do entendimento da natureza humana. A ciência como um todo e em particular a psicologia perdeu o sentido originário da vida.

A Ontopsicologia procura recuperar o ponto de origem que projeta as fenomenologias e coloca neste ponto de origem um elemento ontológico, que é o ser, para poder iluminar a forma de elaborar a fenomenologia. Este é o nexa ontológico. Recuperando aquele ponto, o princípio universal de todas as fenomenologias, de todas as substâncias recupera-se a lógica da vida, a lógica da natureza, com a qual todas as substâncias estão em conformidade.

Husserl, com a sua fenomenologia transcendental, desenvolveu o método das epochés para encontrar o fundamento do saber. Meneghetti, com a Ontopsicologia desenvolve um método para poder revisar o Eu fictício, o Eu esquematizado e tornar o Eu autêntico. Quando o Eu, inserido no contexto e por necessidade de adaptação assimila a cultura, as ideologias, a educação e se fixa nos valores provenientes do externo, perde o contato com a própria identidade, com o Em Si ôntico, ao perder este contato constrói uma vida sem sentido. Ou o homem segue a tradição, a cultura construída pelo sistema, ou então, com extremo zelo, se põe na escuta de si mesmo e encontra o movimento vital a partir de si. A Ontopsicologia é um método que possibilita remover, ou suspender os juízos que o sujeito faz sobre si mesmo e que não coincidem com o que ele realmente é no seu íntimo, com o seu Em Si ôntico, devolvendo-lhe o sentido do ser. O Em Si ôntico é o nexa ontológico, do próprio ponto ôntico o homem reencontra o uno, que é único em tudo.

A partir das psicologias existentes, usando os instrumentos da Ontopsicologia como meios de passagem para encontrar o Em Si ôntico, que é a ontologia, esta então se torna o ponto de iluminação, de irradiação da exatidão das psicologias. A consciência do homem não é reversível com o real e cabe à psicologia fazer a correção da consciência para obter a exatidão do conhecimento, colocando novamente em relação as idealidades e a causa

originária, recuperando-se a Ontologia. A partir do entendimento do ser, do Eu sou, do princípio que constitui o homem, chega-se ao nexó ontológico. A psicologia deve fazer a passagem do Eu fictício, do Eu esquematizado, do Eu construído pelo sistema ao Eu originário, e a filosofia dá o nexó ontológico, principalmente aos cientistas, que, ao fazer ciência, devem ser operadores deste nexó ontológico.

O estudo foi um belo percurso para o entendimento da pura racionalidade e subjetividade e para a compreensão da unicidade que coloca todas as coisas em conexão, dando assim a possibilidade de conhecê-las. Um percurso que possibilita, a cada um que se dispõe a percorrê-lo, ampliar a capacidade de compreensão. Não se pretende afirmar que se chegará a compreensão do ser universal como descreve Meneghetti, mas certamente levará a compreensão mais aguda e profunda do próprio objeto de interesse, no campo do conhecimento que cada um já se dispôs a estudar e atuar.

REFERÊNCIAS

- ABBAGNANO, N. **Storia della filosofia: la filosofia antica, la patristica e la scolastica. v. 1.** Turim: UTET, 2009.
- ARISTÓTELES. **Metafísica.** 2. ed. São Paulo: Edipro, 2012.
- HUSSERL, E. **A crise das ciências europeias e a fenomenologia transcendental: uma introdução à filosofia fenomenológica.** Rio de Janeiro: Forense, 2012.
- LAO-TSE. **Tao te ching: o livro que revela Deus.** São Paulo: Martin Claret, 2011. 4 reimp.
- MASLOW, A H. **Introdução à psicologia do ser.** Rio de Janeiro: Eldorado, 1962. Disponível em: <<https://psicologiaespirita.files.wordpress.com/2016/04/abraham-h-maslow-introduc3a7c3a3o-c3a0-psicologia-do-ser.pdf>> Acesso em: 12 abr. 2016.
- MAY, R. **A descoberta do ser.** Rio de Janeiro: Rocco, 1988.
- MENEGHETTI, A. **Genoma Ôntico.** 2. ed. Recanto Maestro: Ontopsicologica Editrice, 2003.
- MENEGHETTI, A. **Intelletto e Personalità.** Roma: Psicologica Editrice, 2005.
- MENEGHETTI, A. **Manuale di Ontopsicologia. 3.ed. rev. aum.** Roma: Psicologica Editrice, 2003.
- MENEGHETTI, A. **O Em Si do homem.** Recanto Maestro: Ontopsicologica Editrice, 2004.
- MENEGHETTI, A. **Racionalidade Ontológica.** Recanto Maestro: Ontopsicológica, 2015.

MONDIN, B. **Storia della metafisica.** v 1. Bolonha: Studio Domenicano, 1998.

ROGERS, C. R. **Tornar-se pessoa.** 6. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1982.